

Conhecer Cristo passa, sem dúvida, por uma boa formação inicial, através do acompanhamento pessoal dos formadores; passa pela adesão aos programas das vossas dioceses, congregações e institutos; passa pelo estudo pessoal sério para se poder esclarecer os fiéis que vos estão confiados, salvando-os sobretudo da perigosa ilusão da superstição.

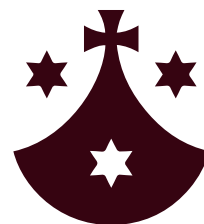
Papa Leão XIV, *Discurso* na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima (Luanda), 20 de abril de 2026



Boletim de Espiritualidade

1 MAIO 2026
Ano XIII Nº 143

143



Agenda maio 2026

- 1 **Ávila** (CITEs) – *Online*: Teresa de Jesus e Maria Madalena de Pazzi. Duas místicas de alma mariana – Miguel Norbert Ubarri (Dir.)
- 4 **Online** (Inst. Diocesano) – Formação: *Tornar fácil o difícil: como ler e interpretar a Bíblia, sem tabus*
- 5 **Angra** (Escola bíblica) – Formação: *Leitura do Livro Atos dos Apóstolos*
- 6 **Viana do Castelo** (Carmo) – *Chama de Amor Viva* – Fr. Carlos Eduardo
- 7 **Aveiro** (Centro Universitário) – ciclo dedicado à Ecologia Integral: *água*
- 8 **Seia** – Jornadas do Conhecimento – D. Américo Aguiar
- 8 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 8 e 9 **Coimbra** (Seminário Maior) – XIV Jornada de Teologia Prática
- 9 **Lisboa** (C. R. Portela) – Simpósio no centenário do nascimento do padre Manuel Luís
- 9 **Viana do Castelo** (Carmo) – Jornada de espiritualidade: *“Maria na vida da Ir. Lúcia”* – P. Nuno Pereira
- 9 a 10 **Braga** (Casa da Torre) – GPS do casal
- 11 **Viana do Castelo** (Carmo) – *A Paixão e Morte de Jesus* – P. Marco Caldas
- 14 a 17 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 15 **Coimbra** (SDPC) – Passaporte Cultural e Espiritual: *As Redes e (os) Nós*
- 15 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 15 **Lisboa** (Oratório S. Josemaria) – Conferência: *Amor e humor no matrimónio e na família* – Sergi e Mercedes
- 15 **Vila Nova de Tazém** – Jornadas do Conhecimento – João César das Neves
- 15 a 17 **Fátima** (Domus Carmeli) – 5.º Módulo do Curso de Mariologia
- 15 a 17 **Colares** (Jesuítas) – Retiro Teilhard de Chardin
- 16 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte
- 19 **Agrupamento de Escolas de Seia** – Jornadas do Conhecimento – Ana Patrícia Fonseca
- 21 a 24 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 22 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 23 **Braga** (Carmo) – Jornadas com Deus no Pentecostes
- 23 **Braga** (Congregados) – Catequeses sobre São Francisco de Assis: *A liberdade de nada possuir*

- 24 **Avegadas** – Domingo das bênçãos
- 28 a 31 **Colares** (Jesuítas) – Exercícios Espirituais
- 29 **Angra** (Escola bíblica) – Formação: *Leitura do Livro Atos dos Apóstolos*
- 29 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 29 a 31 **Fátima** (Domus Carmeli) – Mística e Místicos: 5.º Módulo – Santa Teresa de Ávila
- 30 **Covilhã** – Jornadas do Conhecimento – Eduardo Duque

Agenda junho 2026

- 2 **Porto** (CCC) – Conferência: *A “Gaudium et spes” hoje: sinais dos tempos e discernimento cristão* – Alexandre Freire Duarte
- 3 **Viana do Castelo** (Carmo) – *Poesias e Outros Escritos* – P. Nuno Pereira
- 3 a 7 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 5 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 5 a 7 **Fátima** (Domus Carmeli) – V Jornadas do Desenvolvimento Humano Integral – Dr.ª Alexandra Araújo e Carmelitas Descalços
- 7 **Avegadas** – Peregrinação ao Santuário do Menino Jesus de Praga
- 8 **Viana do Castelo** (Carmo) – *A Boa-Nova da Ressurreição* – Fr. Carlos Eduardo
- 9 **Angra** (Escola bíblica) – Formação: *Leitura do Livro Atos dos Apóstolos*
- 10 **Avegadas** – Dia da Família Carmelita.
- 13 **Faro** (Carmelitas) – Encontros no Silêncio
- 15 **Fátima** (Domus Carmeli e Carmelo de S. José) – XIX Encontro de Sacerdotes
- 19 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 19 a 21 **Fátima** (Domus Carmeli) – Congresso sobre S. João da Cruz: *Um caminho de experiência*
- 20 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte
- 20 **Braga** (Congregados) – Catequeses sobre São Francisco de Assis: *Clara: uma pobreza pensada*
- 26 **Coimbra** (SDPC) – Passaporte Cultural e Espiritual: *Verdade Partilhada*
- 26 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 28 **Avegadas** – Domingo das bênçãos
- 30 **Online** – Formação sobre o Escapulário (21h30)



Ligar Deus à guerra é blasfémia



Estreito de Ormuz

<https://eco.sapo.pt/2026/03/02/ormuz-estreiro-pelo-qual-portugal-lutou-esta-mais-uma-vez-no-centro-das-atencoes-dos-mercados/>

Armando Vaz, OCD

Recentemente, chefes políticos e militares rezavam para que, na guerra em que estavam envolvidos, Deus abençoasse e ajudasse os próprios soldados a matarem os «maus que não merecem a misericórdia de Deus». Pediam que as armas do seu exército «acertassem» nos inimigos e os vencessem, pretendendo que Deus se envolvesse na guerra e tomasse partido por uns contra outros. Instrumentalizavam a oração num cenário bélico, imaginado e montado com mísseis no céu, com bombardeiros e com tanques de guerra.

Mas, interpretando a Bíblia, há que dizer: quem assim reza dirige-se a uma caricatura de deus, a um ídolo, a uma imagem alienante que usurpa a imagem de Deus transcendente e a ofende. Esse pedido estulto ao fantoche de um (então) falso orante não é oração, nem pode ser escutada por Deus. É “invocação do santo nome de Deus em vão”, tentativa de o manipular. É sacrilégio que atenta contra a dignidade sagrada da pessoa. Metendo Deus na guerra, o que pretendem é moralizá-la e justificá-la. Pretensão vã: quando se tenta justificar a violência, facilmente se resvala para a justificação do crime. Também é vão envolver nela o Deus que já no séc. VIII a.C. foi posto a dizer aquela frase bíblica gravada agora

no edifício das Nações Unidas: «Todos os povos dirão: Subamos à montanha do Senhor... Das suas espadas forjarão relhas de arado; e das suas lanças, foices. Uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem se exercitarão mais para a guerra» (Isaías 2,3-4). Nem os senhores da guerra podem hoje argumentar a seu favor dizendo que, a fazer fé à Bíblia, Deus «precipitou no mar cavalos e cavaleiros» na travessia do Mar Vermelho (Êxodo 15,1-3) e que Ele é chamado «Senhor dos exércitos», um Deus que interveio pela força e ia à frente das tropas de Israel nas batalhas, aniquilando os inimigos e os seus reis (Josué 10). Há que compreender essa linguagem. É a da fé que estava a aperfeiçoar-se, no contexto religioso de procura da melhor imagem de Deus, na revelação progressiva relatada no Antigo Testamento, em que os deuses das nações em redor eram vistos com traços guerreiros. Porque a fé do povo de Israel, numa atmosfera contemplativa, via os acontecimentos à luz de Deus e via Deus neles, também viu o seu Deus a «combater por ele» (Js 10,42) e a dar-lhe a vitória. Essa ligação de Deus à guerra era uma interpretação ainda imperfeita da imagem de Deus, que foi sendo corrigida com longa contemplação, meditação e oração. Não era Deus que era violento ou guerreiro. Afinando as lentes da sua fé, as acções violentas que

os humanos literariamente atribuíam a Deus eram expressão da violência deles, que ainda o viam assim. A guerra, na Bíblia, está intricada com Deus por ser uma das experiências humanas com que os autores bíblicos foram pensando, descobrindo e limpando pouco a pouco a imagem do Deus da sua fé: inevitavelmente, Ele revelou-se aos humanos através do que eles eram e faziam na vida.

Mas essa imagem de Deus morreu definitivamente em Jesus, que «no-lo deu a conhecer» (João 1,18) perfeitamente como Pai bondoso de todos os humanos: «Ouvistes que foi dito: ‘Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo’. Mas eu digo-vos: ‘Amai os vossos inimigos e rezai por aqueles que vos perseguem, para vos tornardes filhos do vosso Pai que está nos céus, porque Ele faz despontar o seu sol sobre maus e bons» (Mateus 5,43-45). «Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus» (Mt 5,9). Deus continuou o mesmo. A imagem dele é que foi plenamente revelada por Jesus e captada com mais nitidez pelos aderentes a ele.

O Deus de Jesus é o Deus da paz. E Jesus aceitou voluntariamente morrer na cruz para, com o seu amor, dar sentido último à vida de todos os humanos, perdendo aos seus algozes, e para que jamais se desse lugar à guerra e à vingança de humanos contra humanos, rompendo a sua lógica ‘diabólica’. Despedindo-se dos discípulos em atmosfera de traição e de violência armada, Jesus insiste na paz: «deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não vo-la dou como a dá o mundo» (Jo 14,27), com o mero silêncio das armas ou com um acordo político de não-beligerância, firmado à ligeira. Assumiu em si e rejeitou a violência, cravando-a na cruz.

Desde a sua morte inocente, todas as guerras se estilhaçam reprovadas na imagem do *Homem* crucificado. Na cruz quebram-se todas as imagens desfocadas de Deus: a do deus guerreiro e castigador e a do ‘Deus onipotente’ de uma espiritualidade ingênua e imatura. É de joelhos, diante da cruz de Jesus, que contemplamos o verdadeiro Deus: impotente perante a maldade humana e só onipotente no amor e no perdão. A associação de Deus à guerra na Bíblia aparece como caminho para afirmar que «Deus é amor» incondicional (1Jo 4,8.16). Um Deus da guerra estaria em contradição com a mensagem cristã.

Esta nem sempre foi entendida. Tentaram justificar a chamada ‘guerra santa’ entre nações, com o conceito da *legítima defesa*. Mas é injustificável à luz do evangelho de Jesus. Não há guerras santas. Santa é a paz que promove a fraternidade sem fronteiras. Tanto o terrorismo fundamentalista como a guerra contra ele em nome de Deus é blasfémia, porque o insulta, a Ele que é o Deus de Jesus, o Deus da pessoa e na pessoa, o Deus a favor das pessoas, o «Deus por nós» todos (Rm 8,31). E uma religião identificada com um sistema de poder político é alienante. Esquece o essencial na relação com Deus, que é transcendente, puro Mistério, não manipulável nem controlável pela linguagem humana (daí a proibição das imagens materiais de Deus na Bíblia). Só há uma possibilidade de implicar o verdadeiro Deus nas guerras dos humanos: compreender que Ele não as quer.

(Publicado no jornal *Crescendo*, 46, n.º 293, Abril 2026, p. 10)

Ano Jubilar de São João da Cruz

Armindo Vaz, OCD

A luz da Bíblia em João da Cruz

Quem ler as obras de Frei João da Cruz facilmente conclui que ele está impregnado de espírito bíblico. Aquele que, juntamente com S. Teresa de Ávila, constitui o melhor que nos foi dado conhecer em matéria de espiritualidade ocidental, viveu a sua experiência de fé a temperaturas altas, que o fazem alinhar com grandes figuras bíblicas, igualmente contemplativas e procuradoras de Deus: Isaías, Jeremias, Oseias, Job, Paulo, João evangelista... Que as suas obras sejam apreciadas por todos deve-se, sem dúvida, à densa experiência humana e mística que transmitem; mas também se deve ao facto de serem eco da palavra de Deus, que ele fazia respirar de forma fresca e viva.

O teólogo Henri de Lubac, depois feito cardeal, ao fim da sua obra monumental *Exégese médiévale*, diz que à “exegese beneditina”, que alimentou toda a Idade Média, seguiu uma verdadeira renovação da interpretação da Bíblia graças à “exegese carmelitana”, da qual a obra de S. João da Cruz seria um dos primeiros e luminosos exem-



plos. E Henri de Lubac conclui que essa exegese, típica da «via mística», se caracteriza por “um olhar sintético extraordinariamente poderoso, que aparece como o privilégio essencial dos santos quando estão diante da Bíblia” (citado por A. LANFRANCHI, “«Die ac nocte in lege Domini meditantés»”, *Quaderni carmelitani* 22 (2005) 23).

V Jornadas sobre Longevidade

Fátima, 5 a 7 de junho de 2026



A Domus Carmeli vai promover, de 5 a 7 de junho de 2026, as V Jornadas sobre Longevidade e Desenvolvimento Humano Integral (DHI), em Fátima. A iniciativa propõe uma reflexão sobre os desafios do envelhecimento numa sociedade cada vez mais longeva, através de uma abordagem integrada que articula dimensões físicas, psicológicas, sociais e espirituais. Inserido no programa formativo dos Carmelitas Descalços, o encontro destaca a importância de valorizar a dignidade humana em todas as fases da vida e incentivar uma perspetiva interdisciplinar sobre o desenvolvimento humano integral. [🔗](#)

Eucaristia: Peregrinos a Caminho de Fátima

Viana do Castelo, 3 de maio



Os Carmelitas Descalços do Convento do Carmo, em Viana do Castelo, acompanham e participam na peregrinação com a presença de um membro da comunidade, o Frei Marco Caldas, entre os dias 5 e 13 de maio. Este ano, a peregrinação tem como tema: "Maria, o sorriso de Deus na oração." Antes do início da peregrinação, o Grupo de Peregrinos a Caminho de Fátima participa na Eucaristia dominical comunitária, celebrada no domingo mais próximo da partida, confiando a Deus o caminho que irão percorrer. [🔗](#)

Atividades Sanjoaninas

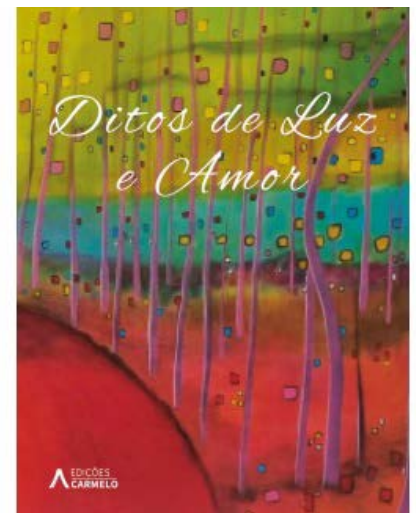
para os dois centenários



O site Mistica.es divulga um amplo conjunto de atividades dedicadas a São João da Cruz no contexto dos dois centenários que se celebram em 2026: o 300.º aniversário da sua canonização e o 100.º da proclamação como Doutor da Igreja. O programa inclui conferências, ciclos formativos, concertos, encontros espirituais e peregrinações em várias cidades sanjoaninas. Estas iniciativas procuram aprofundar o legado místico e poético do santo carmelita, promovendo a sua atualidade espiritual e cultural. Neste âmbito, também os sites carmelitas.pt e domuscarmeli.net apresentam propostas e iniciativas complementares, reforçando uma dinâmica celebrativa mais ampla e participada em torno da figura de São João da Cruz. [🔗](#)

DITOS DE LUZ E AMOR

São João da Cruz



Neste pequeno livro dá-se a conhecer um dos seus *Escritos breves*, ou *Obras menores*: os *Ditos de Luz e Amor* que iluminam e afervoram as almas no caminho para a união de amor; as *Cautelas* «prestam um bom serviço às pessoas que querem viver com realismo e clarividência a sua existência consagrada em comunidade»; os *Quatro Avisos* a um Religioso contêm «alguns pontos ou conselhos de grande substância e quem os guardar chegará a grande perfeição»; os *Graus de Perfeição* encaixam perfeitamente com os outros *Escritos Breves* e só pretendem «a maior honra e glória de Deus».

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

claustrO

Irmã Lúcia - a clarividência da humildade. Branca Paúl apresenta a Irmã Lúcia como exemplo de "clarividência da humildade": consciente da sua missão, via-se apenas instrumento de Deus, unindo lucidez espiritual e simplicidade. A sua vida revela fidelidade, obediência e entrega, mostrando que a verdadeira grandeza nasce do reconhecimento da própria pequenez e da confiança total em Deus. [🔗](#)

O «Fazei isto em memória de mim» de Jesus à luz de S. João da Cruz. A Ir. Sofia da Cruz interpreta o "Fazei isto em memória de mim" à luz de S. João da Cruz como participação no dinamismo trinitário: não mera recordação, mas inserção viva no amor entre Pai, Filho e Espírito. A Eucaristia torna-se espaço de transformação da alma, chamada a esvaziar-se, unir-se à entrega de Cristo e viver em comunhão com Deus. [🔗](#)

Deserto colorido. Filipe Baio reflete o "deserto" como espaço interior de encontro com Deus, longe do ruído e da dispersão. Longe de ser vazio, é "colorido" pela presença divina que transforma a aridez em beleza e sentido. A experiência espiritual passa pelo silêncio, pela purificação e pela contemplação, onde a aparente solidão se revela fecunda e habitada por Deus. [🔗](#)

Curso

ACOMPANHAMENTO

I PARTE . FUNDAMENTOS DO ACOMPANHAMENTO

1º Módulo

A dinâmica do acompanhamento espiritual 13-15 nov.2026

2º Módulo

Acompanhamento e psicologia 15-17 jan.2027

3º Módulo

Acompanhamento espiritual na vida eclesial 19-21 fev.2027

II PARTE . ACOMPANHAMENTO AO LONGO DA VIDA

4º Módulo

Ao longo das idades
16-18 abr.2027

5º Módulo

Acompanhamento
segundo as vocações
e estados de vida
21-23 mai.2027

PARTICIPAÇÃO

Presencial | on-line

INSCRIÇÃO Domus Carmeli

R. Imaculado Coração de Maria, 17
2495-441 FÁTIMA

Tel. 249 530 650 [chamada para a rede fixa nacional]

WhatsApp: 922 298 665 - apenas mensagens escritas
[chamada para a rede móvel nacional]

centromariano@domuscarmeli.net

www.domuscarmeli.net



Domus Carmeli

Ordem dos Carmelitas Descalços, Fátima

A caminho de Emaús
ivankademchuk.com



Três perguntas e... mais uma

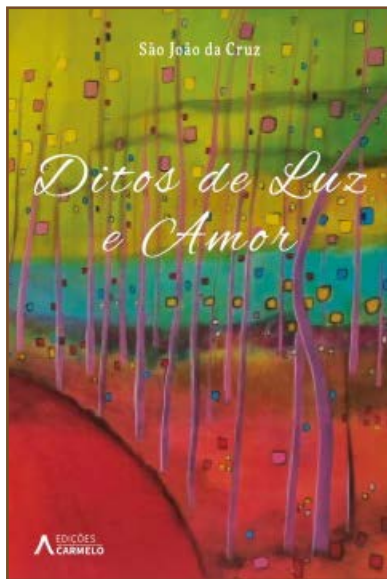
Sobre o livro "Ditos de Luz e Amor"

1. Porque se publica em 2026 este livrinho intitulado *Ditos de Luz e Amor*?

Como todos os carmelitas sabem, 2026 é um ano jubilar pela comemoração dos 300 anos da canonização de São João da Cruz (27/12/1726) e dos 100 anos da sua proclamação como Doutor da Igreja (24/08/1926). Este santo e doutor da Igreja, "carmelita de sandálias e escasso de figura", não é muito conhecido em Portugal. Muitos são os que já ouviram o seu nome, mas nunca leram a sua poesia, os seus escritos... No meu desejo de o tornar mais conhecido e amado – pois também é verdade que tem aumentado o número daqueles que o procuram conhecer mais e melhor – sugeri ao Diretor das Edições Carmelo, Padre Pedro Ferreira, a publicação em separata dos *Ditos de Luz e Amor*, uma vez que já foram publicados há muito tempo nas Obras Completas de São João da Cruz. O entendimento foi imediato e, em poucos dias, este pequeno tesouro de espiritualidade estava nas nossas mãos. É um livro maneirinho, que se pode levar facilmente no bolso e na bolsa, de preço a cheirar a oferta, e de grande ajuda para a oração e meditação em casa ou em viagem. O livrinho, além dos *Ditos de Luz e Amor*, contém ainda, do mesmo autor, as *Cautelas*, *Graus de Perfeição* e *Quatro Avisos a um religioso para alcançar a perfeição*. Fazem parte dos chamados *escritos breves* que, segundo Federico Ruiz, «representam a melhor introdução aos vários aspetos da personalidade e da obra escrita de S. João da Cruz: poeta, místico, asceta e pedagogo».

2. Como escreveu São João da Cruz este livro?

Dos encontros com o nosso saudoso Frei Eduardo Gil de Muro, lembro-me de ele nos falar do *magistério oral e escrito de João da Cruz*. Frei João da Cruz pegava num pequeno lápis e no papel que lhe tinha sobrado de algum assunto anterior, numa estampa ou num cartão, escrevia algumas palavras. E, assim que as escrevia, entregava-as como presente a qualquer uma das suas almas mais queridas: as das suas carmelitas, as dos seus noviços, as dos seus estudantes em Alcalá ou em Baeza, as das suas freiras em Granada, Ávila ou Segóvia. E certa vez



DITOS DE LUZ E AMOR

(Edições Carmelo)

PVP 3,00€



Autor: São João da Cruz

Tradutor: Agostinho Leal, ocd

recolheu estas relíquias da sua alma e anotou-as num livrinho a que chamou «ditos de luz e amor».

3. Qual a razão do título deste livrinho?

O testemunho do P. Alonso, que transcrevo, completa a resposta à pergunta anterior e responde a esta: «Quando regressava deste mosteiro de Beas ao seu, no Calvário, deixava a cada religiosa uma máxima sobre a virtude que, segundo sabia, lhes seria mais útil; ao lê-las com fervor, elas sentiam-se inspiradas, e apreciavam-nas tanto que, mesmo anos depois, vi que as conservavam em cadernos. Estas religiosas diziam-lhe, quando regressava ao seu convento, o quanto

precisavam dele para lhes ensinar! Ele respondia-lhes: *enquanto eu não voltar, façam o que faz a ovelhinha: ruminem o que lhes ensinei durante o tempo que aqui estive*. E assim o faziam, meditando sobre o que lhe tinham ouvido e lendo as suas sentenças nos seus papéis. E quando regressava, ele avaliava o seu aproveitamento, ponderando sobre os descuidos que nelas encontrava e colocando no seu devido lugar o seu solícito cuidado». Um diretor espiritual em pleno trabalho de acompanhamento!

... 4. Qual é o Dito que tu, Padre Leal, mais aprecias?

Eu aprecio-os a todos, mas, confesso, o n.º 131 é de uma atualidade e utilidade estrondosa: *A maior necessidade que temos para progredir na união com Deus é silenciar os apetites e a língua, pois a linguagem que Ele mais ouve é só a do calado amor*. Esta recomendação de silenciar a língua é repetida: *Refreie muito a língua e o pensamento...* (nº 165); *é melhor vencer-se na língua do que jejuar a pão e água* (nº 181) ... João da Cruz vivia com a alma recolhida em Deus e, por isso, os seus conselhos vão no sentido do «calar e agir que recolhe e fortalece o espírito» (Carta 8). Calar não é só estar com a boca fechada, mas é também acalmar, apaziguar os pensamentos, as opiniões, os juízos, as expectativas. Calar é criar um espaço interior onde possa ecoar algo que não vem de mim. No silêncio encontramos-nos connosco mesmos quando deixamos de representar, construir uma imagem ou fingir com palavras e atividades. É pelo silêncio que vamos entrando na casa de Deus, no coração sossegado, onde o calado amor, de mansinho, nos une a Deus. O Papa Leão IV, na Quaresma, fez dois apelos: um, à *abstinência de palavras que atingem e ferem o nosso próximo* (mensagem); outro, ao silêncio: *vamos dar espaço ao silêncio, silenciemos um pouco as televisões, os rádios, os smartphones* (22/2/2026). O silêncio favorece o estado de contemplação, propício para a escuta de quem tanto nos amou. João da Cruz expressa-o bem no Dito de Luz e Amor, 99: *Uma palavra falou o Pai, que foi o seu Filho, e esta fala sempre em eterno silêncio, e em silêncio deve ser ouvida pela alma*. Recomendação: *não dar à língua!*

MÍSTICA E MÍSTICOS

S. TERESA DE ÁVILA



MÓDULO 5

29 a 31 Maio 2026

AULAS | WORKSHOP | ORAÇÃO

Informações | Inscrições

www.mistica.carmelitas.pt



ORDEM DOS
CARMELITAS
DESCALÇOS

Carmelitas promovem formação sobre mística de Santa Teresa de Ávila

Fátima, 29 a 31 de maio de 2026

A Ordem dos Carmelitas Descalços está a dinamizar a iniciativa formativa “Mística e Místicos”, centrada na espiritualidade de Santa Teresa de Ávila, figura central da tradição carmelita e da teologia espiritual cristã.

A atividade propõe um percurso de aprofundamento da experiência mística cristã a partir da vida, escritos e ensinamentos da santa, reconhecida como Doutora da Igreja e uma das maiores referências na oração contemplativa. Santa Teresa de Ávila destacou-se pela descrição do caminho interior da alma até à união com Deus, estruturado em etapas de crescimento espiritual e oração .

A formação inclui sessões de reflexão, ensino e oração, proporcionando aos participantes uma compreensão mais profunda da mística teresiana, marcada pela interioridade, pela experiência pessoal de Deus e pela reforma da vida carmelita no século XVI. [🔗](#)



O Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza

Irmã Sofia da Cruz, Carmelo de Aveiro



Fotografia: pixabay.com

Meu querido irmão,
 Por muito tempo a minha fraqueza impediu-me de perguntar a Deus qual o projecto Dele para mim. Tinha medo porque era uma desconhecida a mim mesma, porque não encontrava no meu interior nada de valor, porque não me sabia reconciliar com aquela que não era eu e na qual eu me tinha transformado. Medo porque não sabia assumir a minha pobreza interior e não encontrava em mim algo que pudesse atrair o olhar de Deus sobre este pobre ser...

Sim, não tinha nada. E o pior é que não sabia estar assim, pobre de tudo e de mim mesma. Eu e o meu nada...

Por então, o único que prevalecia é que eu pertencia a Deus, mas também isto era um dilema. Como podia ser de Deus não tendo nada, do qual Ele pudesse servir-se para atrair os irmãos? Pelo contrário, se pudesse isolava-me ...

Tal como Job, sempre tinha tido tudo. Sempre tinha disposto as coisas desde o centro que era eu, sempre tinha colocado os talentos a render e dum momento para o outro até a minha própria identidade me tinha sido tirada. O meu nome já não se identificava com a pessoa que eu conhecia. O meu projecto de vida tinha deixado de existir. Começar outro, como, quando no meu ser não existia nada que justificasse o Amor de Deus por mim?

Era o acto mais puro da gratuidade do Amor de Deus para comigo e eu não o era capaz de reconhecer. Ele estava-me amar, apenas por ser obra do Seu acto criador, sem mais nada, e faltava-me a humildade para me acolher e aceitar na força do seu Amor, faltava-me passar do conhecimento de fé para o conhecimento experiencial de Deus. Agora, sei que este foi um dos momentos mais fortes de purificação passiva do meu ser... e agradeço profundamente a Deus.

Queria ter algo para lhe oferecer, como segurança do Seu Amor por mim, como garantia de que pelas minhas

qualidades eu O poderia servir e assim “mereceria” o seu amor. Eu servi-lo-ia e Ele teria motivo para me amar...veja que amor impuro e egoísta, veja quão longe e distante da gratuidade do Amor, de amar a Deus pelo que Ele é em si mesmo e não pelo que Ele é em mim, tão longe de O amar sem me deixar condicionar pela minha incapacidade para o Amor, sem me deixar condicionar pelas minhas feridas... Ele é digno de todo o amor, porque Ele é o próprio Amor. Independentemente do que sou ou sinto, o único necessário é Amar a Deus.

O nosso coração está criado para um amor grande como o de Deus. “Que possuis que não tenhas recebido e se o recebeste, porque ages como se não tivesses recebido?” São tantas as vezes que sinto que Deus me faz esta pergunta... Tão pequeno o meu sentimento de gratidão e de felicidade.

Como temos dificuldade em entender a gratuidade! Como temos dificuldade em entender que valem o preço do Sangue de Cristo, não pelo que fizemos ou fazemos, mas pelo que somos, não por vontade nossa, mas por vontade do nosso Pai Eterno! Como temos dificuldade em acreditar que o Pai nos quer e nos ama, assim, nas nossas fraquezas, debilidades e impotências, que é assim que a nossa história se converte em história de salvação!

Por algum tempo vivi e convivi com classe social alta da sociedade portuense. Um dia em que estava sozinha em casa, tocou o telefone, era alguém que estava a passar uma tremenda crise de escrúpulos. Alguém que já não acreditava que Cristo tinha morrido na cruz, para lhe dar a vida da graça. Naquele momento tudo era posto em causa. A mim o que o Espírito Santo me inspirava fortemente eram as Palavras de S. Paulo: **“A vida do momento presente, vivo-a animado na fé do Filho de Deus que me amou e Se entregou a si mesmo por mim.”** (Gl 2,20) Falei-

-lhe da verdade histórica e da impossibilidade de negar a morte de Cristo na Cruz e da verdade de fé que ela já tinha experimentado na oração. Da força do chamamento que o Senhor lhe tinha feito e pelo qual tinha renunciado a tudo. Da experiência de resgate do pecado da qual tantas vezes tinha dado testemunho.

Enquanto estava ao telefone, o elevador parou no nosso andar, mas a campainha não tocou.

Eu estava junto à porta, onde existia uma parede toda espelhada na qual reflectia a pintura da silhueta dum homem deitado, atado com amarras, em tons de preto e cinzento e que para mim evocava fortemente a presença da libertação interior que Cristo nos tinha conquistado pelo seu Sangue. Apesar de ser o hall de entrada, era o lugar que mais evoca e invocava a presença ressuscitadora de Cristo e vivificadora do Espírito de Deus, por isso, quando falava de Deus era o espaço que frequentemente ocupava. Aí sentia a força da necessidade de libertação da humanidade e sentia-me intimamente solidária com Cristo, na luta por essa mesma libertação. Tal como diz S. Paulo:

“A criação encontra-se em expectativa ansiosa, aguardando a revelação dos filhos de Deus. De facto, a criação foi sujeita à destruição – não voluntariamente, mas por disposição daquele que a sujeitou – na esperança de que também ela será libertada da escravidão da corrupção, para alcançar a liberdade na glória dos filhos de Deus. Bem sabemos como toda a criação geme e sofre as dores de parto até ao presente.

Não só ela. Também nós que possuímos as primícias do Espírito, nós próprios gememos no nosso íntimo, aguardando adopção filial, a libertação do nosso corpo. (...) O Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos o que pedir, para rezarmos como deve ser; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis. E aquele que examina os corações conhece as intenções do Espírito, porque é de acordo com Deus que o Espírito intercede pelos santos.

Sabemos que tudo sucede para bem daqueles que amam a Deus, segundo a Sua vontade.” (Rm 8, 18-28)

Creio que ao telefone se apoderou de mim essa força de Cristo, que me faz ser testemunha do poder de Cristo, e, que naquele momento me fez ser insistente e persistente, para dissipar as dúvidas do amor de Cristo que tinham assaltado aquela pessoa. Quando desliguei o telefone alguém voltou a puxar o elevador.

Dias mais tarde, quando ia para a faculdade um Senhor com o ar de muito importante, parou para me cumprimentar, o que fez muito delicada e atenciosamente, eu como sou muito desatenta à realidade material dos factos em

si . mesmos, ocupo-me na procura da manifestação de Deus por meio das realidades visíveis, fiquei muito admirada porque não conhecia o Sr de parte nenhuma, mas retribuí com toda a cordialidade. Quando regresssei a casa disseram-me: “o Sr tal aprecia-a muito, tem uma grande consideração por si”. Eu perguntei quem era o Sr. Ao que me responderam era o dono da cadeia de lojas de Pronto a Vestir internacional. Eu voltei a perguntar como é que ele me conhecia, se o meu amor à pobreza não me deixava frequentar as suas lojas. Parece que ele tinha ido lá a casa, eu estava ao telefone, e ele ficou do lado de fora da porta a escutar a conversa. Ele tinha ficado a escutar o que nunca ninguém se tinha atrevido a dizer-lhe: **que ele valia o preço do sangue de Cristo, que a vida que estava a viver seria vazia de sentido se não fosse vivida em comunhão com Cristo, senão fosse vida eterna e que a vida eterna era o conhecimento do Pai como único Deus verdadeiro e Aquele que ele enviou, Jesus Cristo. (Jo 17,2) Este era o único sentido da vida e por ele tínhamos de lutar.**

E no fim tinha-se sentido bem com a novidade de vida que lhe era proposta e que estava muito além de toda a riqueza das roupas, e da imagem que ele possuía, tratava-se da fé. Esta era para ele um verdadeiro desafio, porque nem o dinheiro, nem os bens que ele tinha, lha podiam garantir, nem adquirir...

Muitas vezes temos medo de propor aos outros a fé. Muitas vezes nós mesmos negamos a graça recebida, porque não acreditamos que ela tenha poder para curar as nossas feridas. Não manifestamos a Deus as nossas feridas e não lhe manifestamos a nossa confiança no poder que tem para nos curar.

Após uma longa temporada de muita oração e num desses momentos de encontro íntimo e pessoal com o Senhor, nesses momentos em que somos convidados a entrar no quarto e fechar a porta, e a rezar ao Pai no segredo, num mar de turbulentos sentimentos de fraqueza e impotência foram determinantes, para mim, as palavras de S. Paulo: **“Se vivemos, vivemos para o Senhor e se morremos, morremos para o Senhor. Quer vivamos, quer morramos pertencemos ao Senhor.”** Então, se mesmo “morta ou agonizante”, estado em que interiormente me sentia, pertencia ao Senhor, o que me fazia ter medo d’Ele? O meu estado interior? Mas Ele conhecia-o melhor do que eu...

Faltava-me a **humildade** para me acolher das mãos do Senhor; a **docilidade** para me reconhecer como um instrumento pobre e débil, mas cheio da sua graça, segundo a Sua vontade; a **simplicidade** para o reconhecer como Senhor da minha história e criador de cada detalhe da minha existência; a **confiança** para permanecer na paz de

Muitas vezes temos medo de propor aos outros a fé. Muitas vezes nós mesmos negamos a graça recebida, porque não acreditamos que ela tenha poder para curar as nossas feridas. Não manifestamos a Deus as nossas feridas e não lhe manifestamos a nossa confiança no poder que tem para nos curar.

quem se sente envolvido pelo amor; o verdadeiro espírito de comunhão de amizade com o Senhor, de **oração**, para saber que não sou mais, nem estou chamada a ser mais do que o seu querer para mim. E como é desconcertante o Seu querer para mim, liberta-me continuamente do meu “eu” egoísta e orgulhoso. E o eu de cada um de nós está mais vivo e actuante do que possamos pensar.

“Pertencer-LHE é uma aprendizagem contínua, que se funda não no amor que LHE temos, porque não O sabemos amar, mas na gratuidade do Seu amor por nós. E quando nada valem, então, é quando temos o verdadeiro e justo preço – o do amor de Deus por nós.

“E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o Seu Filho Unigénito, para que, por Ele tenhamos a vida. É nisto que está o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou primeiro e enviou o Seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados.” (1Jo 1,4)

Não receba a Graça de Deus em vão. Não se preocupe com o que está oculto e um dia se virá a manifestar, porque “não cai um cabelo da sua cabeça sem que o Pai do céu o saiba.” Não há nada oculto em si que Ele não conheça. E quanto mais o oculta aos irmãos, mais eles o descobrem

pelos seus comportamentos. Isto não é incoerência, nem denuncia, prefiro chamar-lhe caminho para a verdade. Lembre-se **“que tudo acontece para bem daqueles que O amam, segundo os desígnios da Sua vontade. Porque àqueles que Ele de antemão conheceu, também os predestinou para serem uma imagem idêntica à de seu Filho, de tal modo que Ele é o primogénito de muitos irmãos. E àqueles que predestinou, também os chamou; e àqueles que chamou também os justificou; e àqueles que justificou, também os glorificou.”** (Rm 8, 28-30)

Meu querido irmão, Deus ama-o total e incondicionalmente, até dar à morte o seu Filho único, para o fazer filho no Filho, e, se isso já não fosse muito, para o fazer comungar da mesma missão do Filho.

Ocupe-se apenas Dele, nas circunstâncias concretas e reais em que Ele se lhe manifesta e Ele ocupar-se-á de si. Centre-se n’Ele, não deixe que a graça Dele seja vã em si...

A sua desunificação e dispersão interior continuarão e levá-lo-ão ao total desânimo e cansaço até que O tenha colocado como único centro da Sua vida. É isto que Ele pede de si...

Deixe-se amar e não fuja ao Amor. Tem Cristo esculpido no centro da sua alma, deixe que a oração o liberte.

XIV Congresso de Espiritualidade
Fátima · 16 a 18 outubro 2026

O mal, o sofrimento e a esperança

Domus Carmeli

Organização **Institutos de inspiração carmelita e teresiana**

PARTICIPAÇÃO: **presencial** | **on-line**

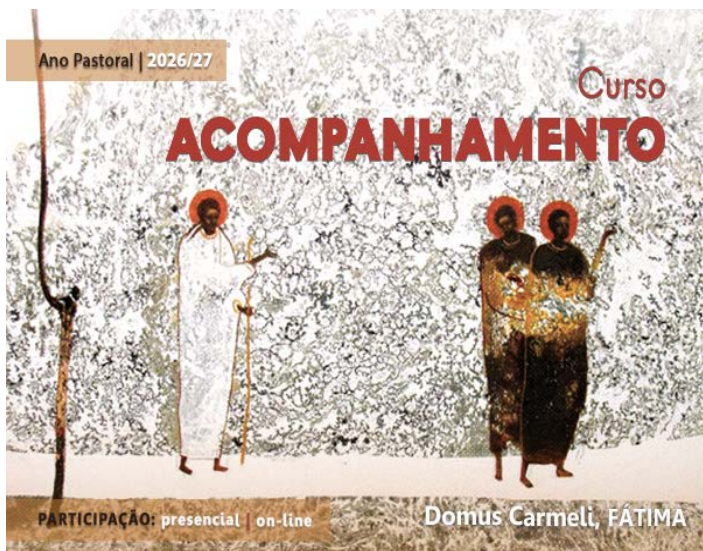
De 16 a 18 de outubro de 2026 realiza-se, na Domus Carmeli, em Fátima, o XIV Congresso de Espiritualidade, subordinado ao tema «O mal, o sofrimento e a esperança». A iniciativa é promovida pelos institutos religiosos de inspiração carmelita e teresiana. Num contexto marcado por violência, crises sociais e sofrimento humano, propõe-se uma leitura crente da realidade.

O congresso pretende interrogar as raízes do mal e o sentido do sofrimento na vida pessoal e coletiva. Ao mesmo tempo, procura-se aprofundar a resposta da fé cristã diante destas questões fundamentais. Cristo, vencedor do mal pela cruz e pela ressurreição, é o centro da reflexão proposta. O encontro reunirá especialistas em teologia, espiritualidade e pastoral.

O programa inclui conferências, painéis, momentos de oração e celebrações litúrgicas. Serão exploradas perspetivas bíblicas, históricas e contemporâneas sobre o sofrimento humano. Pretende-se, sobretudo, abrir caminhos de esperança e renovação espiritual para o mundo atual.

Curso de Acompanhamento

Início a 13 de novembro de 2026



A Igreja Católica, fiel ao seu compromisso de ser uma “comunidade de acompanhamento”, acolhe em Fátima uma nova proposta formativa de relevo. Os Carmelitas Descalços apresentam o Curso *Acompanhamento* para o ano pastoral 2026-2027, uma iniciativa a realizar-se na casa Domus Carmeli, que visa sensibilizar e capacitar os cristãos para a missão de caminhar com o outro na escuta, no discernimento e na proximidade.

Assente na convicção de que Deus é o primeiro acompanhante da humanidade, que em Jesus Cristo e no Espírito Santo se faz próximo de cada pessoa, o curso propõe-se qualificar o serviço de homens e mulheres disponíveis para acompanhar vidas com humildade, maturidade humana e generosidade.

Com uma abordagem multidisciplinar que integra as dimensões teológico-espiritual, psicológica, pedagógica e pastoral, a formação dirige-se a diretores espirituais, formadores de seminários, pais, catequistas, professores e animadores de grupos eclesiais. O programa organiza-se em cinco módulos presenciais, entre novembro de 2026 e maio de 2027, inspirando-se no ícone bíblico dos discípulos de Emaús como imagem do caminho feito a dois.

A primeira fase, composta pelos três módulos iniciais, aprofunda os fundamentos bíblicos e antropológicos do acompanhamento, a sua relação com o Magistério da Igreja e o diálogo com a psicologia, sublinhando também a importância do discernimento sobre o encaminhamento para técnicos especializados. Será ainda dado destaque ao contributo de grandes mestres da espiritualidade, como Santa Teresa de Jesus, São João da Cruz e Santa Teresinha do Menino Jesus.

Na segunda fase, a formação centra-se em dimensões práticas, acompanhando as etapas da vida humana: da infância ao discernimento vocacional na juventude, até ao acompanhamento no envelhecimento. O curso encerra com uma reflexão sobre os diversos estados de vida, abrangendo casais, leigos celibatários, sacerdotes e consagrados, reforçando a ideia de que ninguém deve caminhar sozinho.

Entre aulas, dinâmicas de grupo e momentos de oração no Carmelo de São José, os participantes serão preparados para serem servidores da esperança, contribuindo para uma Igreja mais fraterna e verdadeiramente sinodal.

Um caminho de experiência

I congresso S. JOÃO DA CRUZ

Fátima
19-21 junho 2026

participação: presencial | on-line

- 1 Que lugares para a experiência de Deus embora seja noite?**
D. Alexandre Palma, Bispo Auxiliar de Lisboa
- 2 Aventuras de um místico**
P. Agostinho Leal, OCD
- 3 O Deus que procura o homem**
P. André Morais, OCD
- 4 O homem que procura a Deus**
P. Noé Martins, OCD
- 5 Livres para um amor maior**
P. João Carlos Vieira, OCD
- 6 O encontro: caminho e meta**
P. João Rego, OCD

LA CUEVA DE SAN JUAN DE LA †

Os enfermos

Frei João Costa, OCD



Fotografia: carmelitas.pt

1. Tomamos por enfermos os que por qualquer motivo perderam a verticalidade, aqueles que de pé já não se firmam, e que em razão disso mais precisam do nosso amparo e ajuda. Saber firmar os *in-firmus* considero-o um verdadeiro dom e graça, tanto para com eles, como para toda a sua família e comunidade.

Aqui trataremos dos enfermos das comunidades de São João da Cruz e do modo carinhoso como o Santo prior deles amparava e cuidava.

Conheço algumas pessoas exemplares neste cuidado, todas elas mulheres. Serão elas impelidas, talvez, pela via da educação, não sei; sei ou cuidou saber que o lado cuidador é mais prevalente nas mulheres. Não o deveria ser, julgo eu, mas lá que elas sofrem mais e que são mais atentas e compassivas que nós, homens, disso não tenho dúvidas. Se a educação dos dias de hoje o pode alterar também não sei. Parece que não, a ver pelo crescente individualismo e indiferença para com o sofrimento alheio.

Sei que nisso, ao revés, o padre João da Cruz é bastante feminino; e muito discreto. Muito atento, delicado, e até firme se necessário.

Diz-se que só quem foi peregrino por desabrigadas terras de ninguém sabe acolher bem e bem cuidar os peregrinos. Faz sentido. Tal como faz sentido que os pobres são quem melhor compreende os pobres, mesmo se em meu pobre terrunho se recomende que *não peças a quem pediu, nem sirvas a quem serviu*. Ah, e só quem já esteve doente – mormente se esteve gravemente dependente por enfermidade – é que bem percebe e sabe agradecer o

valor da silenciosa atenção, da prestimosa ternura e delicado carinho a qualquer hora, da leveza da palavra certa e delicada, do toque de uma mão que acalma e espairece, por segundos que seja, as brumosas nuvens do dia. Só quem já esteve enfermo é que sabe do valor impagável duma mão tocando a nossa mão, mesmo sem palavras; mesmo se algo distraída, essa mão tem a força da fala duma bíblia inteira, instando: *levanta-te!* Sim, só quem já esteve prolongadamente isolado em sua enfermidade, indefinidamente só, apartado dos trabalhos e das orações em comunidade, só quem já se sentiu inteiramente só, só como um réprobo em tribunal, tão desacompanhado que pareça que ninguém sofre com ele, tão isolado que se sinta envolto no anonimato do sofrimento, qual embrulho de papel pardo já não necessário, só esse, sim, sabe como cinco minutos de atenção têm valor de ânimo e conforto revigorante de cireneu.

Em miúdo, sobretudo, mas não apenas, muito eu vi algo desse sereno conforto e valimento nas mulheres da minha aldeia, infundamente postadas à cabeceira da cama, como sacerdotes no altar. E vi-as aqui e ali visitando e consolando demoradamente este e aquele e muitos altares, como quem na semana santa visita as sete igrejas. E não é que muito falassem, era tão-só um estar, um toque, um beijo, um condoimento, uma escondida lágrima que mais sobrava para o lenço. Um silêncio.

2. Disto me alembro muito quando me lembro de São João da Cruz. Chamem-lhe poeta que eu gosto; mestre,

também. Escritor, sábio, doutor, pedagogo e educador. Chamem-lhe pregador e confessor, profeta, homem espiritual, homem de letras e das ciências de Deus. E conhecedor dos segredos divinos. Gosto. Gosto. Gosto. Mas não me afastem jamais desse homem celestial e divino, de entranhas divinas, de entranhas humanas, desse homem materno, próximo, atento, cuidadoso, carinhoso, paterno-fraterno. Não me afastem do olhar deste santo. Isso, não me afastem, não, por favor.

Uma casa constrói-se pela raiz; e da raiz aos ramos e aos frutos todo ele foi atenção atenta e cuidado carinhoso para com os que, dentro ou fora do convento, sofressem. O seu berço foi desengonçado e pobre; aliás, naqueles tempos de crua carestia foi mais que pobre, foi humílimo, pobríssimo – não de amor, já se sabe, mas de caldo e de pão. Nasceu e cresceu em contexto exaurido e arriado, e foi assim que, sem direito a escolha, a sua alma foi marcada pelo ferrete do sofrimento que mais mordeu quem não tinha para dar de comer aos que chamara à vida – haverá dor inglória maior que esta?

Seu pai morreu da prolongada pouquidade de pão – tal como as árvores que deixam cair as folhas para alimentar raízes próprias e alheias. Infante ainda, morreu-lhe também o irmão do meio, Luís. O nada que ficou, embrulhado na esperança indomável do coração corajoso da mãe Catarina deu para levar adiante a família restante: ela, Francisco e Joãozinho. A penúria e o sofrimento dormem, pois, desde o berço, lado a lado com o menino. E gladiar-lhe-ão toda a vida.

Por ser demasiado infante, é certo que não viu morrer o pai. Nem o irmão Luís. Mas lá se lhe achegou a idade em que os meninos aprendem a chamar pai e a chamar mãe. E aqueloutra em que olham para o pai a fazer a barba, a trabalhar e a rezar. E aprendem a fazer como ele. Joãozinho, porém, não teve pai para ver. Tão-só um coração de mãe valente como um leão. Não era pouco, de facto, mas não era como devia ser que fosse. É certo que uma mãe-coração-de-leão sabe apresentar vivo um pai morto. Mas é isso tão pouco...

E que pensa um menino quando é infante? Não pensa nada, certamente, que todos inteiramente cuidamos dele, mormente a mãe.

Que pensa um menino quando distinguindo já o garfo da colher e da faca, a mãe lhe sabe pedir que a ajude, aproximando-lhe uma colher, mas jamais o garfo ou a faca? Pensa, julgo eu, que a mãe fica contente por ele a estar a ajudar, e que gostando ele de a ver contente, tudo fará para que ela fique sempre contente com ele.

Que pensa um menino que já aprendeu a seguir com o dedo o carreiro oficial das letras? Sabendo, sabe certamente muito pouco. Não sabe ainda porque cai a noite e com ela vem o sono, nem como se alevanta o dia e com ele nos erguemos do leito. Mas de hora em hora melhor vai sabendo que, seguindo por aquele carreiro, mais se lhe alumia a razão sobre as altas montanhas do mundo, e um pouco, mas pouco mesmo, sobre as profundidades da alma.

Os dias da infância e da adolescência de Joãozinho foram de fome. Se bem sei, a pequenina poeira das migalhas sobrantes da réstia pobre de pão negro disponível sobre a materna mesa foram o seu primeiro e mais fecundo alfabeto. Foi por ele, aliás, que aprendeu a ler o mundo da fome e o dos afectos. Abandonando Fontiveros, ao colo de Catarina – e o mais velho ao lado e a par com ela – os três trilharam uma dura *peregrinação da fome* pelas imensas terras ressequidas de Toledo: Torrijos, Gálvez, Arévalo, Medina del Campo.

Naquele contexto de extrema penúria, que sabia um infante faminto que à sua volta só via morte e fome, indigência e filas de pobres e mais pobres, e a indiferença atroz dos ricos e dos governadores para com a sua desemparelhada família?

Em circunstâncias tão cruéis – e até mesmo noutras porventura ligeiramente mais favoráveis – que aspira ou sabe do futuro um menino? Para que cavaria ele se, por causa da seca e das moléstias, as terras não davam pão? E para quê aprender a desenhar letras se não sabe ele o que faz um escrivão, um poeta, um assentador de certidões de óbito ou um secretário de rei?

Que da vida sabe um adolescente do *Colégio dos Doutrinados* de Medina del Campo? Pouco. Não creio que ali ensinassem latim, mas mesmo que lho tenham ensinado, não se pressagiará ele a si mesmo como um novo Cícero. E mesmo que um pouco mais além escreva poemas – e parece mesmo que os escreveu, e não apenas como exercício académico! – não se auspiciará jamais a si mesmo como um poeta e santo de eleição, ou como alguns o dizem: *o poeta mais santo e o santo mais poeta*, e príncipe de todos eles!

A verdade é que enquanto desenha letras, Joãozinho aprende que no futuro deve ser um homem honrado, trabalhador, útil. E imagino que vá tomando consciência de que sempre será pobre, sempre órfão, e que o elevador social – jargão do nosso tempo, claro – não funcionará. E não aprende apenas a ler, a desenhar e a redigir, pois também vai experimentando os ofícios de carpinteiro, alfaiate, entalhador e pintor. Mas por falta de jeito e de

Uma casa constrói-se pela raiz; e da raiz aos ramos e aos frutos todo ele foi atenção atenta e cuidado carinhoso para com os que, dentro ou fora do convento, sofressem... E que pensa um menino quando é infante? Não pensa nada, certamente, que todos inteiramente cuidamos dele, mormente a mãe.

”

qualidades, soçobrará nos quatro. Como menino e órfão do *Colégio dos Doutrinos*, um dos seus assumidos compromissos era o de acolitar na igreja da Madalena – e aqui, sim, não falhará! Aqui de tudo foi capaz, para gozo seu e deleite de quem o vê. Ao mesmo tempo, foi cooptado como enfermeiro do Hospital das Bubas – doenças infecciosas, sífilis à frente –, um dos quatorze que a caridade cristã abriu em Medina del Campo. Também aqui não falhará, nem como enfermeiro, nem como colector de esmolas que ajudem ao sustento do hospital; nem nos estudos!

Está encontrado o futuro do mais novo, pensa Catarina? Penso que sim, que o coração de mãe é atento e sabe pensar. Pensará, aliás, cuidando eu, que de ora em diante, a atenção e o cuidado dos doentes terão em João de Yepes y Álvarez um oficial de primeira ordem. O futuro breve no-lo comprovará. O futuro nos testemunhará que o fio silencioso que guia a sua vida com uma luz especial será o cuidado com os seus frades doentes. Muito mais que pai, muito mais que irmão, muito mais que guia, mestre e orientador espiritual, frei João da Cruz será inteiro homem de bondade e ternura. Não daquelas que apenas aparecem evidenciadas, ilustradas e aplaudidas nos telejornais ou nas redes sociais, mas daquelas sumamente discretas, serenas e ocultas. Mais que confessor e guia espiritual de pequenos grupos de monjas e de religiosos, muito mais que professor de pobres e mestre de leigos, mais muito mais do que sábio consultado por doutores e cônegos, muito mais que tudo, o padre João da Cruz soube reconhecer nos frades enfermos das suas comunidades o lugar onde amar a Deus em carne viva!

Digam-mo, por ousadia, abrasivo e austero, e eu di-lo-ei carinhoso ao extremo. Digam-mo áspero, eu di-lo-ei delicado. Digam-mo insensível ou rude, eu di-lo-ei, e com testemunhos, doce, bondoso, pacífico, manso, atento, carinhoso. Terno. Materno. Divino.

Sim, que a coisa, esse irreprimível apelo, vem de muito detrás, daquela raiz donde, aliás, tudo vem – de Deus e do berço. Ao chegar ao convento frei João da Cruz encontrou, pois, na doença de seus irmãos frades um altar discreto

onde se curvar com atenção e delicadeza. Até para com os seus adversários e inimigos, se necessário. Sim, até esses se surpreenderão com a sua incomum delicadeza. É o que digo, aqueles que mais o temem por austero, mais o testemunharão terno e delicado!

Nos seus conventos ficou conhecido por dar prioridade e o melhor do seu tempo aos doentes, por jamais os enjutar, abandonar ou banir. Gaste-se com eles, dizia, o que houver de se gastar – os cálices da eucaristia, se necessário que, com ele a prior, a caridade suplanta a observância das leis! Nunca jamais o Santo se arvorará ou cingirá espada de muitas palavras, mas multiplicar-se-á em atenções e delicadezas, em afã de passos silenciosos. E não é isto casualidade alguma, antes uma prática gentil dum homem que sendo espiritual, profundamente espiritual, sabe, também pela experiência da sua infância e juventude, que quando a firmeza do corpo soçobra, dificilmente a alma e o espírito podem subsistir.

E em razão disto, quando em casa um frade lhe caía de cama, o padre João da Cruz volvia-se servo humílimo, logo abandonava livros e poemas, os trabalhos e outras preocupações e, pé ante pé, entrava preocupado, de olhar atento e de passos leves no quarto do doente. Não jamais com cara de fastio, nem de desinteresse ou de legal cumpridor de preceito. Não com pressa nem com gravidade estudada, mas com uma proximidade simples que fazia o doente sentir-se olhado, querido, amado. E de tudo se inteirava, até mesmo do apetite do doente, visto sabermos, e também tu, leitora, leitora, que existem doenças por demais retinentes ao apetite e à alimentação.

As testemunhas recordam, aliás, que quando necessário, ele mesmo preparava a comida, adaptando-a ao gosto e à fraqueza do irmão: um caldo suave, um peito de galinha bem cozido, algo que pudesse ser ingerido sem esforço. E depois, ajeitava a cama, ajustava e caçava o cobertor, e se o ar estivesse pesado, abria a janela. Fazia tudo como quem cumpre o dever mais sagrado, sem alarido e sem esperar agradecimentos.

LA MÍSTICA: PARAÍSO PERDIDO O TIERRA DE PROMISIÓN

Juan de la Cruz Santo y Doctor de la Iglesia

Congreso internacional 22 al 26 junio

3. O padre João da Cruz tinha o dom de acompanhar no sofrimento. Isso é algo, aliás, que não se compra nem mesmo inteiramente se herda – é um dom. Uma dádiva dada pelo terno coração de Deus, que sabe fazer do coração humano, um coração materno, independentemente do género. Alguém assim sabe quando falar e quando calar-se. Quando deve sentar-se ao lado da cama do enfermo e iniciar uma conversa simples, quase cotidiana, para distrair o irmão de sua dor, ou ser corriqueiro e contar um chiste, uma anedota engraçada, uma piada oportuna, convencido de que um sorriso pode aliviar mais do que muitos raciocínios teológicos e espirituais.

E porque só não via quem ver não queria, os frades diziam que, nas enfermidades de seus filhos, o padre João da Cruz parecia outra pessoa – um maternal pai carinhoso! A sua presença inspirava suavidade e paz. Em estando ali, o doente sentia não ser um embaraço para ninguém, que a sua fragilidade tinha um lugar na comunidade! Sim, frei João não tratava a doença como um obstáculo à vida comunitária, mas como uma forma diferente de a viver, mais nua, mais verdadeira. Talvez porque mais unia à paixão e à cruz do Redentor!

Sem responsos nem discursos, os seus gestos e atenções transpareciam fé e caridade. E jamais prometia curas ou procurava amenizar o sofrimento com palavras vazias. Ensinava, sim, a confiar, e com suavidade recordava que Deus estava perto, mesmo – e até mais – na fragilidade do corpo. E sempre dizia que Deus jamais se ausenta da dor humana, antes mais se inclina sobre ela como demorada unção de amor paciente, tal como o bom samaritano do Evangelho.

O seu amor de pai não dependia jamais da força de vontade do momento, mas duma decisão: amar até ao fim. Para os seus frades, aquele cuidado silencioso era uma lição inesquecível que perdura até hoje. Com ele aprendemos que a santidade se mostra nos grandes feitos ou nas palavras sublimes, mas muito mais numa sopa quente levada na hora certa, numa visita repetida sem cansaço, numa noite velada à cabeceira do irmão que sofre.

Assim era São João da Cruz com seus doentes: um pequeno pai que delicadamente sabia inclinar-se sobre um filho doente. Era místico, sim, e encontrou a Deus na noite luminosa da fé, no caminho da subida ao monte da perfeição, o Carmelo, mas também na fragilidade trémula de seus filhos e irmãos. E foi assim que naquelas celas humildes e silenciosas, ardeu, sem vacilar, uma das chamas mais puras do amor divino.

E quando ele próprio estava cansado ou doente – e não foram poucas as vezes – não se fechava nem jamais se desligava dos outros. Ah, quanto dele aprendemos...

Vamos a factos, ou como noutro lugar digo, a testemunhos directos, em primeira voz:

4. No inverno de 1580 está frei João de reitor no recém-fundado colégio de Baeza. É ali muito famoso, aliás. Na cidade, na universidade, nas paróquias, nos hospitais. Nesse ano, pelos reinos de Espanha desabou uma gripe maligna com força de peste. Em Valladolid, Santa Teresa acamou vítima de tal catarro, e em Medina del Campo, sua mãe Catarina morreu, sob o olhar e amparo de seu irmão Francisco de Yepes. Quando a peste sobrecaí sobre o colégio de Baeza, frei João da Cruz está em Beas. Ao receber a notícia dali dispara. Ao chegar a casa encontra os dezoito frades todos acamados, pelo que a sua primeira preocupação é comprar carne que, depois de preparada, ele próprio serve aos doentes, animando-os a comer e, se necessário, mandando-lhes que comam! Entretanto, vindos do convento do Calvário, achegam-se ao colégio mais nove doentes. Em casa já não há nem colchões, nem lençóis, nem mantas. Insistente, o ecónomo pede-lhe encarecida licença para visitar os benfeitores, a fim de bem poder a todos socorrer. O padre João, diz-lhe que não, que deve confiar que «*Deus remediará*». E nem é tarde nem é cedo: no dia seguinte, alguém traz à portaria do convento vinte e tal colchões, grande número de almofadas, lençóis e algumas camas. E em pós as roupas chegam também alimentos – trinta frangos! Vêm da casa de Teresa de Ibros que, ao ver passar a derruída procissão dos doentes rumo ao Carmo, e sabendo da pobreza da casa, para ali endereça a caridade de seu coração filial e materno!

Tão verdade como Deus ser Deus, da boca do padre João da Cruz apenas se ouvirá: «*Vedes como é bom confiar sempre em Nosso Senhor?*» – ó palavras tão lhanas, tão afáveis, palavras de quem mesmo em horas de dura tempestade navega em águas calmas e tranquilas! Palavras de quem para alívio de seus doentes, sempre atento, sempre cuidadoso, ora sabe falar de coisas espirituais, ora de coisas indiferentes e honestas, ora jocosas, quando necessário!

Mas não fiquemos por aqui, que os doentes são o tesouro de frei João da Cruz.

Por aqueles dias soçobra o ânimo de frei Martinho da Assunção, enfermeiro do colégio de Baeza todo ele feito hospital. A razão é simples: a parentela de sua casa, dezasseis pessoas no total, entre pais, irmãos e criados, está toda gravemente doente. O Reitor que o estima de verdade, toma-o, e leva-o consigo para visitar os seus doentes. Ali chegados, consola-os, lê a cada qual uma passagem do Evangelho, impõe-lhes as mãos, a todos abençoa e, por fim, regressam ao convento. Pelo caminho frei Martinho mantém-se pesaroso e inconsolável perante a gravidade da situação. Sem a negar, o padre João garante-lhe que ninguém morrerá daquela doença.

– «*Quem lho disse?*», pergunta ingenuamente o irmão.

– «*Quem o pode fazer!*», responde frei João da Cruz.

E assim acontece.

”

Tão verdade como Deus ser Deus, da boca do padre João da Cruz apenas se ouvirá: «*Vedes como é bom confiar sempre em Nosso Senhor?*»

E assim vemos frei João da Cruz cuidando, não apenas os de sua casa, mas também dos de fora, como quando, discretamente, bastas vezes, aliás, atravessa toda a cidade para visitar doentes no hospital. De facto, frei João tem verdadeira ternura pelos doentes. Casos há em que gasta tudo o que haja e seja necessário, mesmo em medicinas caras receitadas por escolápio que mande chamar; e, sim, gasta, mesmo que, antecipadamente, saiba que não curarão o doente! Mas se em algo lhe aliviarem os terríveis sofrimentos, até o Santo prior se sentirá melhor...

Em Granada, certo religioso caiu doente. A falta de apetite é mais que evidente. Vai frei João à sua cabeceira e elenca-lhe todas as iguarias de que se lembra. Ao recusá-las todas, frei João diz-lhe:

– *Pois, filho, eu quero preparar-lhe uma comida e dar-lha pelas minhas próprias mãos; farei uma iguaria que lhe saberá muito bem!*».

Desce e manda assar uma perna de ave. Dissolve um pouco de sal em água e, ensopando o pão no molho da perna asada, ele mesmo o dá a comer ao doente, dizendo-lhe:

– *«Isto vai saber-lhe muito bem e, por isso, comerá com apetite!».*

Ninguém sabe o sabor misterioso daquele delicado manjar, preparado por frei João; o certo é que o doente inapetente, come sem dificuldade e assenta-lhe muito bem no estômago!

Doentes nas comunidades de frei João da Cruz é coisa que nunca faltou. E nas outras também, naturalmente. Certo dia, um religioso adocece com gravidade. O prior dá ordem ao enfermeiro que sirva ao doente uns torresmos, umas cerejas e um pouco de vinho – estranhe o leitor a ementa, mas por algo será, coisa que só Santo prior melhor saberá justificar. O doente, porém, tudo recusa, apesar da insistência do enfermeiro. Por isso, este que também se sente adoentado, e tem autorização para almoçar, vai ao refeitório com a iguaria preparada para o acamado e come o que para ele preparara. Quando o padre João visitar o doente ficará a saber o sucedido; obriga então o enfermeiro a comparecer no quarto e pergunta-lhe por qual a razão ainda não trouxera o almoço ao doente. O enfermeiro conta o que tinha sucedido, e o doente replica que não tinha comido porque queria que insistissem muito com ele!

– *«Certamente, nosso Padre, disse o enfermeiro; pois eu comi-o, sem que ninguém insistisse comigo!».*

E o prior logo sorri, considerando aquela resolução como boa para curar a estupidez do doente.

Haja que não haja doentes em casa, frei João da Cruz é sempre o primeiro nos actos comunitários, e nos serviços

mais humildes. Se há doentes, redobra-se e desdobra-se em atenções e visitas aos seus queridos enfermos; mas não se revela um perfeito capataz de apito na boca, é mais um pai que entra e sai, pergunta e observa, anima e graceja, arregaça as mangas, varre e esfrega panelas – que o que mais lhe importa é que nada falte aos seus doentes, mesmo o tal remédio especial que urja comprar-se. Que nada falte, pois, aos irmãos acamados, ou ele o irá procurar e buscar – essa era a sua usança de carmelita descalço feliz.

5. Terminemos com três breves relatos revelando pequenas delicadezas típicas de quem é santo. O primeiro é um relato muito breve: se era para não faltar mesmo nada, que, pois, nada faltasse aos doentes. São por isso vários os testemunhos que recordam como o Santo chegava a contratar músicos que levassem música aos seus doentes, porque – dizia ele – o coração também precisa de consolo, e não apenas o corpo!

Vindo duma semana de trabalhos em Beas, chega-se frei João a Baeza. Nada mais chegar inteira-se que um irmão tinha sido levado para o Hospital da Conceição. Todos sabem que o vigário da casa tudo fizera com o desejo de que o doente estivesse melhor atendido; aliás, o hospital possui meios que o convento não dispõe. Frei João da Cruz, porém, não acha oportuna a medida tomada, reprende o vigário da casa, e ordena o regresso imediato do doente para o convento; e ele próprio o atende, cura e serve, como se tratasse o Prior Geral da Ordem!

E encerro este texto com o relato de mais um delicioso abraço.

Noutra data o jovem irmão Agostinho da Conceição sente-se muito angustiado. São passados dez meses de noviciado e, sem grande saúde, tem receio de ser inapelavelmente expulso. Um dia frei João da Cruz chama-o e manda-o curar-se para casa de um seu irmão. Julgando-se dissimuladamente excluído, frei Agostinho aflige-se ainda mais, mas o Santo prior apressa-se a desdizê-lo, mandando-o com o hábito para casa, para que mais depressa se cure. Uma temporada depois, o noviço regressa quase como partira, embora afirme a pés juntos que se encontra bem, a fim de que o padre João da Cruz não lhe negue a profissão. Frei João apercebe-se inteiramente da situação, ergue-se, e diz: *«dar-lhe-emos a profissão, frei Agostinho!»*. Acto seguido dá-lhe um abraço e, a partir daí, o pobre fradinho gozará de boa saúde.

Ai, querido frei João dos Abraços! Ah, abraços ternos do padre João da Cruz! Ai abraços de nosso bendito pai-mãe!

Vemos frei João da Cruz cuidando, não apenas os de sua casa, mas também dos de fora, como quando, discretamente, bastas vezes, aliás, atravessa toda a cidade para visitar doentes no hospital. De facto, frei João tem verdadeira ternura pelos doentes.

”